



PET Indígena

22 de julho de 2020 · 🌐



Olá, meu nome é Agnaldo Narciso Monteiro, sou da etnia Galibi-Marworno, nasci na aldeia Kumarumã e, atualmente, moro na Aldeia Tukay. Estou atuando como profissional de saúde, Técnico em Enfermagem na Casa de Saúde do Índio, no município de Oiapoque. Bom, vou falar um pouquinho da situação do novo Coronavírus, de como chegou aqui nas comunidades indígenas e também dos impactos na minha vida pessoal, de como enfrentei esse vírus. Devido ao meu trabalho de técnico em enfermagem tive que atender pacientes com o coronavírus e acabei sendo contaminado, passei 14 dias afastado do trabalho, sentindo os mesmos sintomas que as pessoas que atendia costumam sentir, porém, graças a Deus, eu tive sintomas mais leves. Logo voltei a atuar novamente na Saúde Indígena e a nossa maior preocupação era com a população indígena, com o grupo de risco. Temos vários pacientes diabéticos e hipertensos nas comunidades, então tivemos muita preocupação, em especial com as aldeias maiores, como Kumenê, Kumarumã e Manga.

A gente conseguiu amenizar a situação dentro das comunidades, os próprios indígenas combateram os sintomas do coronavírus com ervas medicinais, com medicamentos caseiros, xaropes caseiros, banhos caseiros que eles faziam com ervas. Com isso a gente conseguiu reduzir a morte dos nossos parentes por causa do coronavírus. Não vou dizer que não tivemos perda de parentes, a gente teve sim, teve situações onde perdemos vários parentes, principalmente os mais idosos. Esse vírus pegou todo mundo de surpresa, não só a população indígena, mas a população não indígena também. Nossas aldeias não estavam preparadas para receber um vírus como o coronavírus. A gente viu quando surgiu na China, logo depois chegou ao Brasil e, quando chegou aqui, no Estado do Amapá, a preocupação foi com os indígenas, e foi aí que as lideranças se uniram e tomaram a iniciativa de fazer o bloqueio das comunidades, fazer o fechamento das aldeias, não deixando que ninguém da cidade entrasse nas comunidades. Foi uma medida preventiva que deu certo um tempo, mas sabemos que o vírus acaba se espalhando muito rápido e acabou chegando dentro das aldeias.

Hoje estou recuperado e atuando como técnico de enfermagem, ajudando os parentes lá na CASAI do OIAPOQUE. Creio que vai dar tudo certo, creio em Deus que a gente vai conseguir passar por mais essa e espero que a gente não perca mais nenhum parente para esse vírus que a gente está enfrentando. Obrigado!

Aldeia Anawera, Oiapoque, Amapá, Brasil

19 de julho de 2020

Relato recebido em áudio e transcrito por Danilo Cavalcante de Sousa

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Salut, je m'appelle Agnaldo Narciso Monteiro, je suis de l'ethnie Galibi-Marworno, je suis né dans le village de Kumarumã et, actuellement, je vis au Village Tukay. Je travaille en tant que professionnel de la santé, technicien en soins infirmiers à la Casa de Saúde do Índio, dans la municipalité d'Oiapoque. Eh bien, je vais parler un peu de la situation du nouveau coronavirus, comment il est arrivé ici dans les communautés indigènes et aussi des impacts sur ma vie personnelle, comment j'ai fait face à ce virus. En raison de mon travail en tant que technicien infirmier, j'ai dû voir des patients atteints de coronavirus et j'ai fini par être infecté, j'ai passé 14 jours hors du travail, ressentant les mêmes symptômes que les personnes auxquelles j'ai assisté habituellement, cependant, grâce à Dieu, j'avais des symptômes plus légers. Bientôt, j'ai recommencé à travailler dans le domaine de la santé Indigène et notre principale préoccupation était la population indigène, avec le groupe à risque. Nous avons plusieurs patients diabétiques et hypertendus dans les communautés, donc nous étions très préoccupés, en particulier avec les plus grands villages, tels que Kumenê, Kumarumã et Manga.

Nous avons réussi à alléger la situation au sein des communautés, les peuples indigènes eux-mêmes ont combattu les symptômes du coronavirus avec des plantes médicinales, avec des médicaments maison, des sirops faits maison, des bains faits maison qu'ils ont fait avec des plantes. Avec cela, nous avons réussi à réduire le nombre de décès de nos proches dus au coronavirus. Je ne dirai pas que nous n'avons pas perdu de parents, nous l'avons fait, il y a eu des situations où nous avons perdu plusieurs parents, en particulier des personnes âgées. Ce virus a pris tout le monde par surprise, non seulement la population indigène, mais aussi la population non indigène. Nos villages n'étaient pas préparés à recevoir un virus comme le coronavirus. Nous l'avons vu quand il est apparu en Chine, peu de temps après son arrivée au Brésil et, quand il est arrivé ici, dans l'État d'Amapá, le souci était avec les peuples indigènes, et c'est à ce moment-là que les dirigeants se sont réunis et ont pris l'initiative de bloquer les communautés, fermer les villages, ne permettant à personne de la ville d'entrer dans les communautés. C'était une mesure préventive qui a pris du temps, mais on sait que le virus finit par se propager très vite et finit par arriver à l'intérieur des villages.

Aujourd'hui, je suis guéri et je travaille comme technicien en soins infirmiers, aidant des proches à CASAI do OIAPOQUE. Je crois que tout ira bien, je crois en Dieu que nous pourrions continuer à vivre cela et j'espère que nous ne perdrons plus de parents à cause de ce virus auquel nous sommes confrontés. Je vous remercie!

Village Anawera, Oiapoque, Amapá, Brasil

19 Juillet 2020

Rapport reçu en audio et transcrit par Danilo Cavalcante de Souza

Traduit par Johnson Morancy

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

Hello, my name is Agnaldo Narciso Monteiro, I belong to the Galibi-Marworno ethnicity, I was born in the village Kumarumã and, currently, I live in Aldeia Tukay. I am working as a health professional, Nursing Technician at the Casa de Saúde do Índio (Indigenous Health Center), in the municipality of Oiapoque. Well, I'm going to talk a little bit about the situation of the new Coronavirus, how it got here in indigenous communities and the impacts on my personal life, how I faced this virus. Due to my work as a nursing technician, I had to take care of patients with coronavirus, so I ended up being infected, I spent 14 days away from work, I was feeling the same symptoms that the people I took care usually felt, however, hopefully, I had milder symptoms. Soon I started working again and our main concern was with the indigenous population who are part of the risk group. We have several diabetic and hypertensive patients in the communities, so we were very concerned, especially with the larger villages, such as Kumenê, Kumarumã and Manga.

We managed to alleviate the situation within the communities, the indigenous people themselves fought the symptoms of the coronavirus with medicinal herbs, homemade medicines, homemade syrups, homemade baths made by herbs. Through these measures, we managed to reduce the death of our relatives who were infected. I will not say that we had no loss of relatives, we did, there were situations where we lost several relatives, especially the elderly. This virus took everyone by surprise, not only the indigenous population, but the non-indigenous population as well. Our villages were not prepared to receive a virus like the coronavirus. We saw it when it appeared in China, soon after it arrived in Brazil and, when it arrived here, in the State of Amapá, the concern was with the indigenous people, so the leaders came together and took the initiative to block the communities, close the villages, not allowing anyone from the city enter in the communities. It was a preventive measure that worked for a while, but we know that the virus spreads very fast and it ended up arriving inside the villages. Today I am recovered and working as a nursing technician, helping relatives there at CASAI (Indigenous Health Center) in Oiapoque. I believe that everything will be all right, I believe in God that we will be able to go through it and I hope that we will not lose any more relatives to this virus that we are facing. Thank you!

Anawera Village, Oiapoque, Amapá, Brazil

July 19, 2020

Report received in audio and transcribed by Danilo Cavalcante de Souza

Translated by Gabriel Eudes de Amorim Lima

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

¡Hola! Mi nombre es Agnaldo Narciso Monteiro, soy de la etnia Galibi-Maruwono, nací en la aldea Kumarumã y actualmente vivo en la aldea Tukay. Estoy trabajando como profesional de salud, Técnico de Enfermería en la Casa de Salud del Índio, en el municipio de Oiapoque. Bueno voy hablar un poco de la situación del nuevo coronavirus, cómo llegó aquí en las comunidades indígenas y también de los impactos en mi vida personal, de como enfrenté ese virus. Debido a mi trabajo de técnico en enfermería tuve que atender a pacientes con el coronavirus y acabé siendo contagiado, pasé 14 días apartado del trabajo, sintiendo los mismos síntomas que las personas que atendía, sin embargo, gracias a Dios, tuve síntomas más leves. Luego volví a actuar nuevamente en la salud indígena y nuestra mayor preocupación era con la población indígena, con el grupo de riesgo. Tenemos varios pacientes diabéticos e hipertensos en las comunidades, por lo tanto, tuvimos mucha preocupación, en especial con las aldeas mayores, como Kumenê, Kumarumã y Manga.

Conseguimos amenizar la situación dentro de las comunidades, los propios indígenas combatieron los síntomas del Coronavirus con hierbas medicinales, con medicamentos caseros, jarabe caseros, baños caseros que ellos hacían con hierbas medicinales. Con eso conseguimos reducir la muerte de nuestros parientes por causa del coronavirus. No voy a decir que no tuvimos alguna pérdida de un pariente, sí tuvimos, hubo situaciones donde perdimos a varios parientes, principalmente los más ancianos. Ese virus cogió a todo el mundo por sorpresa, no sólo la población indígena, pero a la población no indígena también. Nuestras aldeas no estaban preparadas para recibir un virus como el coronavirus. Vimos cuando surgió en China, luego después llegó en Brasil y cuando llegó aquí en el Estado de Amapá, la preocupación fue con los indígenas y fue entonces que los líderes se unieron y tomaron la iniciativa de hacer el bloqueo de las comunidades, hacer cierres de las aldeas, no dejamos que nadie de la ciudad entrase en las comunidades. Fue una medida preventiva que funcionó un tiempo, pero sabemos que el virus acaba distribuyéndose muy rápido y acabó llegando dentro de las aldeas.

Hoy estoy recuperado y trabajando como técnico de enfermería, ayudando a los parientes en la CASAI de Oiapoque. Creo que todo saldrá bien, creo en Dios que conseguiremos pasar de esta y espero que no perdamos más a ningún pariente por culpa de ese virus que estamos enfrentando. ¡Gracias!

Aldeia Anawera, Oiapoque, Amapá, Brasil

19 de julio de 2020

Relato recibido en audio y transcrito por Danilo Cavalcante de Souza

Traducido por Benjamin Mba Abuy Nfumu

[#OPETNãoPara](#) [#PetIndígena](#) [#MobilizaPET](#) [#CampusBinacional](#) [#Oiapoque](#) [#CLII](#) [#LicenciaturaIndígena](#) [#FalaParente](#) [#vidasindigenasimportam](#)

